



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

### A RESSURGÊNCIA CLÍNICA: A POÉTICA ENQUANTO MEMÓRIA SUBJETIVA E SOCIAL

Flávia Angelo Verceze

[vercezeavlavia@gmail.com](mailto:vercezeavlavia@gmail.com)

Vivian Karina da Silva

[karina.silva.psic@gmail.com](mailto:karina.silva.psic@gmail.com)

#### Clínica de Psicanálise e Artes

#### Resumo

O presente trabalho pretende apresentar uma experiência em construção de uma clínica ressurgente. Tal proposta parte dos pressupostos teóricos de Freud a Lacan, que entende o sujeito do inconsciente em relação à esfera pública. Trata-se de uma clínica pela via do campo sociopolítico, a partir da noção do analista que transita nos lugares geograficamente, podendo ser convocado a trabalhar nos territórios subjetivos marcados pela lógica da exclusão social. Desta maneira, esta clínica é permeada pelo desejo do analista de estar fora do modelo econômico monetário, que vai de encontro às questões relacionadas às desigualdades sociais enraizadas no processo histórico do Brasil, o que identificamos como um posicionamento político em relação à psicanálise. Foram realizadas 17 oficinas ao longo dos anos de 2017 e 2018 em vários espaços públicos da cidade, que tinham a arte literária como ferramenta de subjetivação, uma aposta de que a poética de cada um possa ser uma forma de (re)contar a própria história, fazer vacilar imposições dos discursos sociais excludentes para surgimento da verdade do sujeito como processo transformativo.

**Palavras-chave:** clínica sociopolítica; poética, psicanálise.

#### Introdução

*Que renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Jacques Lacan.*

Freud, no conjunto da sua obra, aponta para a questão do surgimento do sujeito em sua dependência do semelhante e da linguagem. Assim, ele nunca deixou de elucidar a dimensão da determinação social sobre a experiência psíquica e a constituição do sujeito. A respeito disso, em “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, Freud (1921/1976) vai apontar que o contraste entre a psicologia individual e a psicologia social perde grande parte de sua significação quando analisado mais de perto. Neste sentido, vê-se que neste texto Freud tenta quebrar com a dicotomia indivíduo – sociedade, apresentando uma extensa análise de fenômenos psíquicos que envolvem a formação de grupos, isto é, neste texto Freud está interessado no



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma instituição, de uma profissão, de uma família, isto é, como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo em determinadas ocasiões com algum intuito.

Lacan (1964/2008) por sua vez retoma o pensamento freudiano e revitaliza o conceito do inconsciente através de seu axioma – “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p.27), afirmando o registro simbólico como aquilo que dá à dimensão existencial humana suas particularidades. Isto é, não há nada mais natural no homem que o fato dele se constituir como um ser cultural. Neste sentido, Lacan vai definir o sujeito do inconsciente como produto de uma operação de linguagem. Portanto, foi Lacan que reinaugurou a possibilidade de se pensar o sujeito da psicanálise na relação com a esfera pública, afirmando “o inconsciente é a política”, autorizando desta maneira se falar de uma clínica do social (Rosa, 2016).

Segundo Rosa (2016) a clínica do social é aquela que se trata de uma intervenção na esfera pública em face da dimensão sociopolítica do sofrimento, isto é, uma abordagem psicanalítica clínico-política que tem como preocupação intervir sobre as formas de preconceito presentes nos mecanismos institucionais que recaem sobre os indivíduos desvinculando os de suas histórias pessoais, familiar, social e política. Trata-se de uma abordagem rigorosamente psicanalítica ao intervir não pela via do sintoma e, sim pela narrativa, isto é, uma clínica que propõe “despotencializar a violência para retomar o lugar do sujeito na cena” (p.70).

Nesse sentido, tal proposta se reconfigura como uma ressurgência da clínica que busca dar conta de alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época, como nos provoca Lacan. Para tanto, a literatura aparece como ferramenta de trabalho através de uma associação livre poética. Em que a poesia é vista como uma vazão, uma produção do vazio que abre espaço não só para a angústia, mas para a possibilidade infinita de criação do inesperado, e assim, do poético. Lacan entrelaçou o saber inconsciente e a poesia para transmitir a fugacidade de um instante no qual o inconsciente aflora, isto é, a poesia está fundamentalmente ligada ao seu estilo e à transmissibilidade da psicanálise. Pois, para ele a linguagem está bem mais próxima da função poética que da função denotativa (Lannini, 2013).



## **I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL** **30 e 31 de agosto de 2018**

Neste sentido, a aposta é de que através da linguagem poética o sujeito advenha como contador da própria história – “no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador” (Lacan, 1964/2008, p. 28). O sujeito aqui referido, diferente do cartesiano, é o sujeito do inconsciente – aquele que reside nos interditos e intervalos significantes, onde não há significado, mas o vazio a espera da tinta ou lápis. A palavra é a chave para o re-achado, para abrir as portas da boca do id. O que seria então, um papel em branco senão um palco para a apresentação do que está dentro de si? Qual a literatura subjetiva de cada um?

Portanto, o objetivo desse trabalho é apresentar uma experiência em construção de uma psicanálise extramuros – uma clínica de associação livre poética, cuja aposta é a partir da escuta e da escrita trabalhar as questões subjetivas e sociais que permeiam a construção do sujeito, em especial, o sujeito do inconsciente.

### **Procedimentos metodológicos**

Trata-se de uma clínica no campo social, especificadamente, o campo fora *setting* analítico, ou seja, em lugares públicos e em territórios que sofrem algum tipo de violência, inclusive a do Estado. Portanto, o método foi percorrer os territórios físicos/sociais – CAPS, Comunidade Terapêutica, Movimento dos Artistas de Rua, Ocupação de moradia, eventos relacionados à saúde e cultura, à saúde mental de universitários, associações comunitárias, eventos literários; como também os territórios subjetivos: é a construção da memória coletiva das singularidades territoriais e da memória individual de cada um que desejou participar das oficinas.

Foram realizadas 17 oficinas ao longo dos anos de 2017 e 2018, por meio de rodas de conversa sobre as questões singulares referentes a cada território, como por exemplo, processo histórico de moradia no Brasil, desigualdade e exclusão social, cultura da violência de estado, gênero e raça e patologização dos modos de vida no que tange à saúde mental. Para tal, foi utilizada como ferramenta a arte literária na tentativa de fazer memória de si e do coletivo. É importante ressaltar que foram utilizadas várias formas de narrativas poéticas da literatura –



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

desde clássicos, a literários mais recentes que abordam questões de classe, gênero e raça, sendo que essas escolhas foram pautadas na ideia de representatividade cultural dos territórios que foram percorridos.

A partir dessa conversa inicial, era proposto aos participantes que escrevessem sobre si, o que chamamos de “escrita de si, literatura de si e desgramática do sujeito” o que marca aos escritores a cena de sua própria história com suas próprias narrativas. É a busca da verdade do sujeito pela escrita, por meio da técnica psicanalítica de associação livre, uma forma de recontar a si. É nesta (re)contação de histórias que se acha o novo, não nascido – a novidade – de cada *Um* sujeito que advém do inconsciente, por essa forma que propomos ser pela escrita além da fala (Lacan, 1964). Em geral, as oficinas duravam de duas a três horas, dependendo do número de participantes, do território, das demandas do grupo e individuais. Após o momento da escrita, era aberto para quem desejasse falar sobre como foi vivenciar o processo, ler o que escreveu, com uma proposta de palco aberto para leitura e/ou *performance* poética, geralmente realizada em saraus literários.

### Resultados e Discussão

Uma vez que o trabalho de escuta clínica em psicanálise é sempre no momento que acontece, ou seja, nada supor antecipadamente, foi possível perceber que cada oficina apresentou uma singularidade, que estava ligada as particularidades de cada território geográfico e subjetivo. Nos lugares onde foram realizadas mais de uma oficina, Ocupação Flores do Campo e Comunidade Terapêutica, notou-se que as primeiras narrativas se centravam nas questões de violência marcadas pelos territórios, como violência de Estado, racismo, machismo, homofobia e discriminação social. Com o decorrer das oficinas percebeu-se que as narrativas circulavam as questões familiares e subjetivas. Ambas demonstravam um grande sofrimento psíquico ligado a uma falta de lugar social, que trazia como consequência diversas patologias orgânicas e psíquicas. Assim, quando foi proposto aos participantes que falassem e escrevessem sobre esse não lugar, foi possível perceber uma mudança significativa nas narrativas, que se deslocaram de um local



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

de vitimização para um local de enunciação, isto é, houve uma recuperação do lugar da enunciação.

No que tange ao uso da literatura como ferramenta podemos perceber que houve uma desmistificação quanto a questão elitista da literatura no Brasil, visto que em algumas oficinas haviam participantes que não tinham vivido o processo de alfabetização, mas que se implicavam desde as leituras coletivas até no uso da oralidade quando era proposta a escrita, apresentando muitas vezes em sua poética criação de neologismos. Assim, percebemos que a literatura se apresenta como uma precursora de processos de subjetivação mais singulares, e que a proposta de escrita de si proporcionava um movimento de desidentificação e emergência do sujeito do inconsciente – o que será que nos faz poetas, senão o próprio processo de escrever em solidão - o consigo - mesmo que em companhia?

Acho que esse trabalho é também de prevenção de suicídio e mais que isso, estimular a poesia nas pessoas é revolucionário, é ajudar a sobreviver a infinitude das pessoas e hoje em dia todo mundo vale tão pouco, e as coisas valem tanto, produzir riqueza das próprias entranhas é um ato revolucionário e de insubmissão (Relato escrito de uma participante de oficina).

### Conclusões

Conclui-se que a proposta de um trabalho psicanalítico clínico-político, vinculado à arte literária, em especial a escrita de si, pôde se configurar como uma possibilidade de memória subjetiva e social de cada território, permitindo a germinação das narrativas poéticas de cada um. Como também confirmando que o analista pode transitar além-*setting* – a clínica ressurgente.

### Referências

- Freud, S. (1921/1976). Psicologia de grupo e análise do ego. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (v.XVII, p. 89-139). Rio de Janeiro: Imago.
- Lannini, G. (2013). *Estilo e verdade em Jaques Lacan*. Belo Horizonte: autêntica.
- Lacan, J. (1964). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rosa, M. D. (2016). *A Clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp.